



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES
LICENCIATURA EM FÍSICA – 2013.1
DISCIPLINA PRÁTICA DO ENSINO DA FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL
PROFESSOR: GUSTAVO
ALUNO: DIMAS MEIRA FERREIRA

RESENHA

CAJAZEIRAS - PB
01-07-2013

RESENHA

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 8^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 128p.

Edgar Morin é Francês, Judeu de origem Sefardita, graduado em antropologia, sociologia, filosofia, direito, economia política, história e geografia. Autor de mais de trinta livros entre eles: Introdução ao pensamento complexo, Ciência com consciência e os setes saberes para a educação do futuro. Em 1999, lançou o livro “A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento”.

Edgar Morin propõe que o desenvolvimento do pensamento complexo deve passar por uma reforma de pensamento por meio do ensino transdisciplinar capaz de forma cidadãos planetários, solidários e éticos, aptos a enfrentar os desafios dos tempos atuais. Para o autor, a complexidade é um desafio que sempre se propôs a vencer.

A seguir, observamos as ideias principais nos dois primeiros capítulos, na qual o autor questiona a finalidade da escola e da educação, relacionando a capacidade inata de homens de resolver problemas gerais com a urgente necessidade de se integrar as áreas de conhecimento contempladas pela humanidade. É apresentado também, que estes campos encontram-se compartmentados brotando um amontoado de informações estéreis sem finalidades humanísticas a menos que sejam contextualizados em um todo.

Morin sugere três desafios (cultural, sociológico e o científico), em campos diversos da vivência humana, argumentando que “os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais”. O autor acrescenta ainda que o “retalhamento das disciplinas torna impossível aprender o complexo”.

No cap. 2 Morin explica o que será uma cabeça bem feita, mostrando que não é simplesmente uma cabeça cheia de conhecimento, e sim uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso evitar sua acumulação estéril. Para o autor, a segunda revolução científica do século XX pode contribuir atualmente para reformar uma cabeça bem feita. Para ele, uma educação para uma cabeça bem feita, que acabe com a disjunção entre as duas culturas, daria capacidade para se responder aos formidáveis desafios da globalidade e da complexidade na vida cotidiana, social, política, nacional e mundial.

No cap. 3 Morin destaca que para conhecer o humano não podemos separá-lo do universo, mas situá-lo nele, pois segundo ele todo conhecimento para ser permanente, deve ter seu objetivo contextualizado. No dizeres do autor, somos seres cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais. Embora os humanos pensassem que dominam a natureza, acabaram percebendo que dependiam vitalmente dela. Para este estudioso, a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas sem animalidade. As artes é a fundamental contribuição para a condição humana.

No cap. 4 O autor mostra que o objetivo da educação consiste em ensinar a viver através da transformação da informação em conhecimento, desse conhecimento em sabedoria, aplicando à vida como um todo. Nesse

sentido, a cultura das humanidades deverá ser para todos uma preparação para a vida.

A arte do viver pede uma filosofia de vida que nos conscientize de que a vida significativa se encontra na “plenitude de si mesmo e na qualidade poética da existência”, bem como na utilização das nossas potencialidades. Assim sendo, a filosofia contribuiria para uma real compreensão da condição humana, para a formação de uma racionalidade elucida e autocrítica e, por fim, para a aprendizagem do viver.

No cap. 5 Edgar destaca inicialmente que a maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. E que a maior certeza que nos foi dada é a indestrutibilidade das incertezas, não somente na ação, mas também no conhecimento. O presente século foi marcado por revoluções científicas que pôs fim a certezas até então confirmadas por diversas ciências. Quando tudo parecia incerto e relativo, a teoria do caos, já na segunda metade do século, veio de certa forma na direção oposta, ao demonstrar que também nos sistemas caóticos existe ordem. Morin aponta a necessidade de nos pôr em condição para enfrentar as incertezas, em seguida ele traz os diversos ensinamentos das várias ciências e disciplinas para ensinar a enfrentar-las.

Aparece ainda para o autor que a incerteza humana é marcada por duas grandes incertezas: a incerteza cognitiva e a histórica. Nesse sentido, ele destaca que existem três princípios de incertezas no conhecimento: o cerebral, o físico e o epistemológico.

Finalmente, o autor conclui o capítulo trazendo uma reflexão que cada um deve estar plenamente consciente de que sua própria vida é uma aventura, mesmo quando se imagina encerrando em uma segurança burocrática.

No cap. 6 Para Edgar Morin, é necessário que haja uma aprendizagem cidadã, uma aprendizagem de auto formação do homem, de forma que ele possa se tornar um cidadão partindo da ideia de democracia, solidariedade e responsabilidade, fazendo-se necessário situar o homem no universo para que ele perceba-se parte integrante do mesmo.

Além disso, para se ter uma aprendizagem cidadã é preciso que se desenvolva no cidadão uma aprendizagem para a auto formação deste cidadão dando-lhe consciência não só permitir o enraizar, dentro de se, a identidade nacional de forma a torná-lo um cidadão responsável e solidário para consigo e ao outro.

No cap. 7 são apresentados os três degraus para a aplicação das propostas do autor. Ele começa pelo primário, enfatizado a importância de se elaborar questionamentos desde cedo para despertar a curiosidade do estudante. De sorte, ele destaca que desde o princípio, no ensino primário, a ciência e as disciplinas deveriam estar reunidas umas às outras, e deste modo o ensino poderia ser o veículo entre os conhecimentos parciais e um conhecimento global. A cabeça bem feita é iniciada por esse processo interrogativo iniciado pelo ser humano e a consciência é assumida no momento em que podemos enfrentar complexidades, a aprendizagem da vida será realizada por duas vias, a interna e a externa, aquela pelo auto-conhecimento, auto-exame e esta pela introdução ao conhecimento das mídias.

O segundo degrau: o ensino secundário, o autor afirma que este seria o momento da aprendizagem do que deve ser a verdadeira cultura, não apenas

levando a uma reflexão sobre as conquistas e o futuro das ciências, mas também considerando a escola e a experiência de vida.

Já na universidade, o desafio seria estabelecer a exata medida de sua "conservação", para não cair numa conservação estéril, dogmática, rígida e sim adaptar-se e integrar-se à sociedade e à modernidade científica para "fornecer um ensino metaprofissional, metatécnico, isto é, uma cultura". É na universidade que a reforma do pensamento se concretiza, é onde deveríamos aprender a organizar os conhecimentos adquiridos, ou seja, a pensar.

Por fim, nos capítulos seguintes, o autor, explica que a "Reforma do pensamento" não é uma idéia que está surgindo somente agora com seu livro, mas que já tem suas bases na "cultura das humanidades, na literatura e na filosofia, e é preparada nas ciências".

E de que modo seria este pensamento? Para Edgar há necessidade de um pensamento: - que comprehenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que o conhecimento e que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes; - que reconheça e examine os fenômenos multidimensionais, em vez de isolar, de maneira mutiladora, cada uma de suas dimensões; - que reconheça e trate as realidades, que são concomitantemente solidárias e conflituosas (como a própria democracia, sistema que se alimenta de antagonismos e ao mesmo tempo os regula); - que respeite a diferença, enquanto reconhece a unicidade;

A partir deste ponto, a discussão mais interessante que o autor faz é a respeito da inter-poli-transdisciplinariedade. Edgar enfatiza que a interdisciplinaridade não é meramente a união de disciplinas, mas cada uma discutindo o "objeto" separadamente. A palavra interdisciplinaridade propõe troca, cooperação que, diga-se de passagem são duas atitudes que também estão ausentes nos seres humanos nos dias atuais. Ou seja, a interdisciplinaridade na verdade propõe uma nova posição/atitude por parte do ser humano, uma atitude humanizada. E aqui voltamos para aquela necessidade da volta ao "o que é ser humano", já discutido anteriormente.

Como considerações finais, identificamos dois pontos fundamentais no pensamento de Morin: a urgência da humanização do homem e a interdisciplinaridade que a meu ver ao mesmo tempo é caminho e fim para se atingir a humanização do homem e a reforma do pensamento. Fica claro que interdisciplinaridade traz em seu bojo os quatro preceitos que Morin menciona sobre o quê é e como seria este novo pensamento, a questão da complexidade e da contextualização. Nela não existe lugar para pré-conceitos, para a descontextualização, para a falta de discussão, para o egocentrismo. E aqui está o grande problema, ou o grande desafio a ser superado, deixarmos o "eu" um pouco de lado e passarmos a utilizar e a viver um pouco mais o "nós" em nossas vidas, na escola, na universidade, no seio de nossas famílias.